



BULLYING E CYBERBULLYING: COMO OS PROFESSORES ESTÃO SENDO PREPARADOS PARA LIDAREM COM ESSE PROBLEMA?

Sulamita Barreto Nascimento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil
soroka80@hotmail.com

Valdênia Rodrigues Fernandes Eleotério

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil
valdeniaeleoterioufms@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. Tem como tema o Bullying e cyberbullying. O objetivo geral é: identificar como os professores do município de Aquidauana, das redes estadual e municipal estão sendo capacitados para combater os problemas. Tivemos como metodologia a pesquisa bibliográfica e de campo. A técnica escolhida para coleta de dados foi o questionário. Os resultados mostram que o combate de alguma forma é feito nas escolas participantes da pesquisa. Concluímos que para minimizar/combater essas atitudes é necessária mais capacitação e diálogo permanente na comunidade escolar.

Palavras-chave: Bullying. Capacitação. Cyberbullying. Professores.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, muitas são as novas dinâmicas das relações sociais, avançamos muito e construímos novos estilos de vida, cultura, lazer, arte, entre outros. Todavia da mesma forma que caminhamos para frente, alguns passos são dados para trás e se constituem hoje um desafio de ordem social como, por exemplo, a violência física, violência psicológica, violência patrimonial, violência sexual, violência moral, violência intrafamiliar, violência institucional, violência de gênero, violência doméstica, violência emocional e tantas outras tipificações são alguns dos exemplos desse retrocesso. O tema do nosso trabalho de certa forma está relacionado com todos esses tipos de violência, que é denominado de Bullying e Cyberbullying.

Por meio de conversas formais com os professores, nota-se nas escolas que os casos de

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Bullying vêm diminuindo. No entanto, os casos de brigas, bem como desentendimentos entre os alunos, ainda acontecem por motivos banais. Existem relatos sobre ofensas em sites de bate-papo, aplicativos de celular, redes sociais e outros ambientes virtuais. Tais fatos acontecem e os profissionais ficam sem saber como agir, e acabam tomando decisões como a proibição do uso do celular dentro da escola, que apenas interrompe momentaneamente os fatos que continuarão fora dos muros institucionais.

Partindo desse cenário, tudo isso contribuiu para formularmos o nosso problema de pesquisa e está centrado na seguinte interrogação: porque os casos de bullying e cyberbullying têm aumentado dentro das instituições de ensino, sendo as escolas locais em que educadores postulam os princípios Fundamentais da Constituição do Brasil (BRASIL, 1988), como a cidadania, dignidade da pessoa humana, prevalência dos direitos humanos; defesa da paz; solução pacífica dos conflitos; repúdio ao terrorismo e ao racismo; cooperação entre os povos para o progresso da humanidade?

A pesquisa é de natureza qualitativa, a metodologia utilizada para construção do estudo foi à pesquisa bibliográfica e de campo. Para coleta de dados o questionário serviu de instrumento em que formulamos doze perguntas sendo elas quatro abertas e oito de múltipla escolha.

1. Bullying

Pesquisas científicas voltadas ao assunto indicam que as agressões verbais entre crianças e jovens sempre esteve presente nos espaços escolares, durante muito tempo foi conhecido por muitos como “apelidar” o colega. Sendo que, não havia qualquer tipo de preocupação em relação aos alunos que colocavam os apelidos e nem mesmo aos que sofriam com as designações ofensivas.

Segundo a Professora Ingrid Karla Cruz Biserra (2015), somente na década de 1970, o Dr. Dan Olweus professor de psicologia, afiliado com o centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen na Noruega, descobriu o motivo que levaram seus alunos a se suicidarem. O mesmo constatou que nesses casos, foram os maus tratos a que eram submetidos pelos colegas dentro da escola. A partir disso ele escreveu o primeiro livro com o



nome Bullying na escola, publicado em 1973, na Escandinávia. Já em 1978 nos Estados Unidos outro livro foi lançado, com a tradução da palavra inglesa “bully” que sugere um “indivíduo valentão, tirano, mandão e brigão” (SILVA, 2010, p. 21).

Os apelidos que tanto maltrataram as vítimas, muitas vezes causando abalos emocionais para toda uma vida, ganharam o nome de BULLYING, mas nem toda agressão pode ser considerada, pois o bullying envolve sempre três agentes em prática, sendo eles; o agressor, a vítima e a plateia conforme Fante (2005 apud CARVALHO JÚNIOR, 2014).

Assim, sendo, por definição Universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, p. 28-29).

A autora nos deixa claro que para serem denominadas como bullying as agressões precisam ser repetitivas, ou seja, aquelas brincadeiras durante o recreio que algumas vezes causam desentendimentos nem sempre podem ser denominadas como bullying.

Frequentemente dentro das escolas, os alunos têm atitude de denominarem seus colegas por nomes pejorativos, mas para que isso se torne um bullying o aluno vítima deve se sentir ofendido, causando em si um sofrimento. Fato que muitas vezes não ocorre, pois nem sempre o aluno se sente ofendido, alguns simplesmente os ignoram. O(s) motivo(s) específico(s) para que isso ocorra depende de estudos voltados a esse assunto, porém, acreditamos que depende muito do estado emocional da criança ou do jovem. Entretanto, embora alguns desses alunos desconsiderarem esses fatos como ofensas, outros se sentem ofendidos. E devido a isso muitas vezes se retraem e se isolam dos demais colegas, pois os mesmos continuam os maltratando mesmo diante de seu sofrimento. De acordo com os relatos, muitos buscam amenizar o desconforto estando sempre perto dos adultos, ou seja, professores, zeladores, merendeiras entre outros.

A psiquiatra Silva (2015) ressalta que existem dois tipos de bullying: bullying direto e

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



bullying indireto. Logo bullying direto é quando há contato físico entre o agressor e as vítimas, ou seja, onde há agressão através de beliscões, chutes, destruição ou arremesso de objetos. Esses acontecimentos normalmente são direcionados à prática dos indivíduos do sexo masculino, portanto, torna-se interessante que os professores atentem à esse tipo de ocorrência que normalmente são cometidos durante os intervalos e saídas das aulas, (SILVA, 2015). Já o bullying indireto é quando há agressão psicológica e moral, ou seja; humilhar, ridicularizar, excluir, desprezar, discriminar, ameaçar, chantagear, intimidar, perseguir, difamar entre outros, normalmente são praticados por crianças e indivíduos do sexo feminino. Esses fatos na maioria das vezes resultam em isolamento social da vítima, e normalmente são praticados até mesmo dentro de sala de aula, e por muitas vezes passa despercebidos pelos professores.

Para ser vítima do bullying não há motivo aparente ou aceitável, “podendo ser escolhida por qualquer critério dos agressores. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis” (CARVALHO apud SILVA, 2010, p.38). Qualquer um pode sofrer as consequências dessa violência, e alguns dos motivos são os seguintes; ser um bom estudante, ter materiais pedagógicos que interessam aos agressores, estar acima ou muito abaixo do peso, serem maiores ou menores que os demais, ter uma marca de nascença, ser deficiente, integrar uma religião diferente, se vestir com roupas consideradas fora de moda, condição social, cor da pele, etnia, opção sexual, entre outras razões injustificáveis.

1. Vítima do bullying

Não se podem dimensionar quais serão as consequências que atingirá a vítima de bullying, pois vai depender da reação e da situação de cada um. Por muitas vezes não conseguimos identificar os sintomas que muitas vezes são bem visíveis. Porém Fante (2008), ressalta;

A violência psicológica compromete a estrutura psíquica da criança, uma vez que está se sente desvalorizada, desprotegida, não aceita e não amada, percebendo-se rejeitada por aqueles que são significativos em sua vida. Esse sentimento de rejeição compromete o desenvolvimento de sua autoestima o poder de auto superação uma vez que está arraigada em seu inconsciente. Devidos aos inúmeros registros negativos que ficaram impressos em sua memória, com tendência a reproduzir tais situações de abuso em outros relacionamentos (FANTE, 2008, p. 179).



Percebe-se que o bullying atinge de uma forma cruel o desenvolvimento de crianças e jovens, estabelecendo reações significantes em sua vida adulta. Silva (2010) ressalta os sintomas decorrentes desse mal que o indivíduo pode apresentar com o passar dos tempos;

Quadro 1- Sintomas das vítimas do bullying

Anorexia	Caracteriza pela necessidade de perder peso, recusando-se a comer e alegando falta de apetite.
Bulimia	Caracteriza por episódios repetidos de compulsão alimentar seguidos de comportamentos compensatórios inadequados, como vômitos, uso indevidos de laxante e de diuréticos, também podem associar exercícios excessivos.
Fobia escolar	Medo intenso de frequentar a escola ocasionando repetência por faltas, problemas de aprendizado ou expectativa apreensiva.
Sintomas de depressão	Tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio, sentimento de culpa, inutilidade e desamparo, insônia ou excesso de sono. Perda ou aumento de apetite, fadiga e sensação de desânimo, irritabilidade e inquietação, dificuldade de concentração e de tomar decisões, perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer, ideias ou tentativas de suicídio.
Sintomas Psicossomáticos	Cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldade de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese (suor excessivo), tremores, sensação de nó na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos.
Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)	É um distúrbio caracterizado pela preocupação excessiva ou expectativa apreensiva.

Fonte: (SILVA, 2011, p. 17-20).

Evidente que muitos desses sintomas podem se tornar perceptíveis se a criança ou o jovem demonstrar. No entanto é preciso que os pais, professores ou responsáveis permaneçam atentos para comportamentos diferentes, a fim de diagnosticar o que pode estar acontecendo.



1. Agressor do bullying

Conhecer as características de um agressor é imprescindível, pois sem agressores não haverá vítimas. Pode ser uma menina, um menino, ou até mesmo um grupo. Sendo que tal grupo normalmente possui uma liderança, cujo objetivo é o de incitar tais comportamentos errôneos.

O agressor experimenta a sensação de consolidação de suas condutas autoritárias [...], Tendo como resultado previsto: o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas- caminho que pode conduzi-lo ao mundo do crime, além da projeção dessas condutas violentas na vida adulta, tornando-se pessoa de difícil convivência nas mais diversas áreas da vida pessoal, profissional e social (FANTE , 2008. p. 80).

É possível identificar o agressor em meio a outros. Todavia, assim como a vítima, ele também necessita de auxílio, pois a consequências das afirmações de seus atos na infância ou juventude, pode leva-lo a continuar com comportamentos negativos na vida adulta. “[...] pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de bullying escolar” (OLWEUS, apud SILVA, 2010, p. 28).

O professor muitas vezes não consegue notar as mudanças que ocorrem com seus alunos, pois normalmente sua sala de aula são super lotadas, tornando difícil a detecção, visto que alguns até mesmo lecionam em dois ou três períodos. Contudo a família também é responsável por orientar as crianças e adolescentes das consequências do bullying tanto para a vítima como para o agressor. E se houver um trabalho em conjunto, a probabilidade de sucesso na resolução desse problema certamente será mais significativo.

Definitivamente, para que essa luta tenha eficiência é preciso que todos busquem se conscientizar sobre os males oriundos dessas ações oriundas dos agressores. Orientar as crianças e os jovens é tarefa de todos. O bullying não é só “modinha”, e a banalização e má compreensão sobre o assunto é tão prejudicial quanto o ato em si.

2. Cyberbullying



Para alguns autores a internet pode ser considerada como uma das maiores invenções da humanidade, através dela milhões de pessoas tiveram suas vidas transformadas, e nos dias atuais ela se tornou uma ferramenta indispensável. Por meio dessa interação surgiu então o cyberbullying, onde a violência antes praticada entre os corredores e saídas da escola, hoje é recorrente nas mídias e redes sociais.

A internet trouxe muitas transformações positivas, mas o cyberbullying é um aspecto negativo, pois agora as agressões vão além dos muros das escolas e acompanha a vítima todo o tempo. As vítimas não se sentem seguras em nenhum lugar, pois a tecnologia está a sua volta o tempo todo. O fato de ficar imaginando quem é seu agressor gera desconforto e na maioria das vezes deixa a vítima em pânico diante da situação que ocorre em ambiente virtual. Nesse sentido, a autora Ana Maria Albuquerque Lima (2011) ressalta que há oito tipos diferentes de cyberbullying, sendo eles:

1. provocação incendiária: mediante discussões que se iniciam online e se propagam de forma rápida, usando linguagem vulgar e ofensiva;
2. Assédio: caracterizando como sendo o envio de mensagens ofensivas, com o objetivo de insultar a vítima;
3. Difamação: o ato de difamar ou injuriar alguém mediante fofocas e rumores disseminados na internet, visando causar danos à sua reputação;
4. Roubo de identidade: quando uma pessoa se faz passar pela outra na internet, usando seus dados pessoais, tais como: conta de e-mail ou Messenger (entre outros aplicativos) com o intuito de constranger e gerar danos à outra pessoa;
5. Violação de intimidade: mediante divulgação de segredos, informações e imagens íntimas ou comprometedoras de alguém;
6. Exclusão: mediante o distanciamento de alguém de modo intencional, em uma comunidade virtual;
7. Ameaças cibernéticas: envio repetitivo de mensagens ameaçadoras ou intimidadoras;
8. happy slapping: este tipo de violência é gerado pela divulgação de vídeos mostrando cenas de agressão física, onde uma vítima pode ser escolhida, de forma intencional ou não, para ser agredida, e a violência é gravada e postada em sites, visando humilhar ainda mais a pessoa agredida (LIMA, 2011, p. 70-71).

Acrescentamos ainda que nos dias atuais há outros tipos que podem ser citados, como por exemplo, os aparelhos eletrônicos que disponibilizam o recurso chamado de “*print screen*”, onde se captura a imagem das conversas e através desse *print* o agressor passa a chantagear ou até mesmo expõe para toda a comunidade virtual o diálogo que era privado, causando grandes danos e constrangimento às vítimas.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Percebe-se que um dos grandes problemas é a velocidade que todas essas postagens alcançam, aumentando absurdamente o número da “plateia”. Esse é mais um motivo para que os professores conscientizem seus alunos, uma vez que é preciso estar atento para perceber se existem vítimas ou agressores em sua sala de aula, pois os alunos poucos dialogam com os imigrantes digitais pois as relações estão sendo estabelecidas virtualmente.

3. Formação continuada de professores para atuação com o tema bullying e cyberbullying nas escolas

A tecnologia a cada ano que passa vem ganhando espaço nos estabelecimentos educacionais, pois já se faz presente na vida cotidiana das pessoas desse novo século. Com todo esse avanço tecnológico desenvolve-se uma nova forma de se comunicar, de produzir conhecimentos, saberes e de se relacionar.

Nesses espaços, a educação compreendida como prática social promove a emancipação do homem quando fomenta o desenvolvimento de todas as potencialidades dos sujeitos, “objetivando a formação integral do homem, ou seja; o desenvolvimento físico, político, social, cultural, filosófico, profissional, afetivo, entre outros” (OLIVEIRA; MORAES; DOURADO, 2008, p. 2). Com isso, os professores têm um papel social de grande importância na sociedade e necessitam de formação continuada.

As mudanças de paradigmas impostas pela sociedade nas últimas décadas intensificaram de sobremaneira essa necessidade. Formar-se continuamente tornou-se obrigatoriedade para os professores numa escola que precisa lidar com gerações interativas, inquietas e tecnológicas. Lidar com o bullying, com a diversidade de cultura, com a questão ambiental, com os avanços tecnológicos e com as dificuldades de aprendizagem, por exemplo, não fez parte do currículo de formação do professor, mas se constitui numa necessidade crescente em seu cotidiano profissional (FURTADO, 2016, p. 01).

O autor nos esclarece sobre a importância do professor ter essa formação continuada, pois estamos lidando com crianças, adolescentes e jovens de gerações que se relacionam de forma diferentes. Nesse sentido, a formação dos professores necessita acompanhar a evolução das práticas sociais, possibilitando assim a discussão da realidade sobre qual o sujeito está inserido, partindo das experiências vivenciadas no nosso cotidiano.

Sendo assim, entendemos que o tema bullying cyberbullying deveria ter um espaço



permanente para a conscientização de todos. Segundo Carvalho (2014), em alguns países já existem medidas dessa natureza como:

No Canadá e nos Estados Unidos, foram introduzidas no currículo escolar planos de prevenção contra o bullying, podendo as escolas ser responsabilizadas por omissão. Na Noruega, foi instituído, em todas as escolas, um programa que prevê a adoção de regras claras, tais como a constituição de comissões Antibullying, com capacitação de docentes e demais profissionais para a intervenção, a realização de encontros com estudantes e pais de envolvidos e a aplicação de medidas de apoio às vítimas (CARVALHO, 2014, p. 35).

O autor deixa evidente que a solução vai além de um aperto de mão dado na frente da coordenação da escola, o problema precisa ser encarado como uma questão mais complexa que envolve o poder público e a sociedade como um todo. Quando fazemos uma pesquisa bibliográfica para compreendermos essa questão no nosso país, os dados apontam que muitos professores brasileiros não estão preparados para lidar com a temática. Além disso, para formar os professores a fim de lidar com o assunto, é preciso primeiramente demonstrar a gravidade e as consequências do problema e o quanto a sua participação é essencial para combater esse quadro. A pedagoga Souza (2015) ressalta que:

as pessoas precisam entender que ninguém nasce intolerante, desequilibrado, com vontade de matar, uma série de fatores levaram a isso. As escolas e as famílias precisam se capacitar para aprender a diagnosticar os sintomas de bullying porque quanto mais cedo houver tratamento, maior será a chance da pessoa se curar. (SOUZA, 2015, p. 1).

Existem alguns casos que marcaram o mundo pela crueldade com que vítimas de bullying e cyberbullying agiram contra a sociedade para se vingarem dos seus agressores, manifestando através de ataques que chacotas, perturbações, descaso e humilhações atingem consideravelmente o estado emocional das vítimas, chegando a ponto de levá-las a cometerem crimes bárbaros.

Em 07 de Abril de 2011, aconteceu a tragédia que chocou o Brasil, pela crueldade que foi executada, um ex-aluno da Instituição Escolar Municipal Tasso da Silveira, situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, Wellington Menezes de Oliveira de 23 anos, invadiu e cometeu vários disparos com arma de fogo, vitimando 12 crianças. Segundo informações vinculadas no noticiário da época Wellington quando estudante sofreu bullying de seus colegas. Esse massacre

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



ficou conhecido mundialmente como Massacre de Realengo (VEJA, 2011). Por esse e outros motivos no dia 07 de Abril foi instituído o dia nacional de combate ao bullying e a violência escolar, sancionada pela Lei nº 13.277 de 29 de Abril de 2016.

Segundo Raimundi (2016) em reportagem postada no site de notícias G1, o IBGE realizou uma pesquisa em 2015 onde 46,9% dos estudantes do nosso país disseram já ter passado por humilhações relacionadas ao bullying. Em consequências disso o Bullying é considerado como um problema de saúde pública, e essa mesma pesquisa foi feita em 2012 quanto essa porcentagem era de 35,3%. Infelizmente isso comprova que os casos entre os estudantes veem aumentando gradativamente, e que as instituições escolares necessitam criar projetos para a conscientização de todos.

Em uma matéria publicada por Moreno (2017) no site G1, vinculada no dia 21 de Outubro de 2017, após um triste caso de bullying na cidade de Goiânia (GO) um garoto de 14 anos, matou a tiro 3 colegas de classe, deixando outros 4 feridos. O motivo seria o bullying que sofria em ambiente escolar, sendo chamados por seus colegas de fedorento.

Com o aumento dos casos relacionados, as vítimas são afetadas e têm suas vidas transformadas de forma negativa, afetando sua autoestima e sua dignidade, tendo em vista que a criança e os adolescentes estão em plena formação física, psicológica e intelectual. E o adulto em que ele se tornará dependerá muito das experiências a que foi submetido. Por conseguinte essa forma de violência deixará marcas tanto na vítima como no agressor.

Desta forma, no dia 06 de novembro de 2015 foi sancionada a Lei nº 13.185 que institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática, assinada pela Presidente em Dilma Rousseff. O Art. 1º da Lei em seu 1º inciso define a Intimidação Sistemática:

§ 1º - No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredila, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015).

Sobre o cyberbullying, fica explícito no Art. 2, parágrafo único que a mídia é um subsídio vigente da nova sociedade em que estamos inseridos

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial. (BRASIL, 2015).

De fato, a Lei 13.185/15 não penaliza os agressores, porém evidencia a necessidade de capacitação de professores e equipes pedagógicas para implantações de projetos nas escolas, voltados para a conscientização de toda comunidade. Um ponto que podemos considerar importante que aconteça, é o monitoramento a fim de produzir relatórios bimestrais dos casos ocorridos nos municípios e estados para planejamentos de ações. É evidente que se a Lei fosse cumprida não teríamos casos de bullying e cyberbullying atingindo nossas crianças, adolescentes e jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o bullying infelizmente é uma prática bastante habitual nas instituições escolares. Sendo que, podemos afirmar que os motivos para as agressões são em sua maioria bastante banais. No entanto, ressaltamos que o período escolar é um momento de desenvolvimento pleno em que as crianças, adolescentes e jovens precisam ter equilíbrio emocional para atingir todos os objetivos educacionais. Sendo assim, durante essa fase, a única preocupação deveria ser com os conteúdos escolares e não com as agressões.

Reafirmamos, que vítima e agressor necessitam de acompanhamentos para que possam (re)direcionar suas ações e terem consciência de que os espaços escolares são para adquirirem conhecimentos e terem relacionamentos saudáveis, sem sofrimento ou traumas, para que possam viver em coletividade dentro de normas e padrões que regulam a nossa sociedade. Assim sendo esses ensinamentos devem ser reforçados pelos responsáveis, familiares e comunidade escolar.

Por esse motivo, observamos que em nenhum momento os educadores se referem ao agressor como também sendo uma vítima e que ambos necessitam de um acompanhamento. Os casos são resolvidos somente através de conversas e punições para os agressores, muitas vezes



diante de plateia, tornando o professor autoritário e disciplinador. Desse modo, sem ter conhecimento, o professor torna-se também um agressor tanto quanto aquele que está sendo punido.

Educadores ensinam em sala de aula que a violência é nociva e que o diálogo é uma das principais formas de resolver conflitos, porém não é o que fazem quando têm um agressor em sua sala de aula. Pontuamos que esse é um dos motivos que professores necessitam de capacitação, pois a literatura evidencia que punir agressores diante de toda a comunidade escolar é uma forma de violência. Porém, ninguém pode ensinar aquilo que não sabe, e esse é um motivo principal para que se priorizem formação continuada para esses profissionais.

No decorrer da pesquisa bibliográfica nos deparamos com diversos tipos de projetos voltados para a conscientização do bullying e cyberbullying nas escolas de todo território nacional. Os projetos desenvolvidos são de longa duração, ou seja, não é apenas uma conversa com agressores que o fará se conscientizar sobre seus atos, e nem fará com que uma vítima esqueça os momentos difíceis que passou. Isso acontecerá com apoio de profissionais ao longo do tempo.

Sendo assim, finalizamos reforçando a relevância do comprometimento de toda a sociedade com esses problemas que interferem na vida educacional e social dos nossos estudantes.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição da república federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Publicada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 01 de nov. de 2017.

13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm>. Acesso: 19 out. 2017.

de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 01/11/2017.

BISERRA, Ingrid Karla Cruz. Cyberbullying: inimigo virtual na história do tempo presente. In: **II Congresso Nacional de Educação**, Campina Grande, 2015.

CARVALHO, Gilson Roberto de Abreu Júnior. **Bullying e Cyberbullying**: ações, programas e projetos de enfrentamento nas escolas públicas de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas-SP: Veros, 2005.

FURTADO, Júlio. **A importância da formação continuada dos professores**. 2016. Disponível em: <<http://juliofurtado.com.br/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/>>. Acesso: 23 jul. 2017.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos na internet**: Despertando a atenção de pais e professores. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

MORENO, Ana Carolina; CARDILLI, Juliana. Seis passos básicos contra o bullying: veja do que alunos, pais e escolas precisam para combater a prática. **G1**, 20 out. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/seis-passos-basicos-contr-o-bullying-veja-do-que-alunos-pais-e-escolas-precisam-para-combater-a-pratica.ghtml>> Acesso: 22 out. 2017.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de; DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e Gestão na Educação. **Função social da educação e da escola**, 2008. Disponível em: http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala_politica_gestao_escolar/pdf/saibamais_8.pdf> Acesso em: 22 out. 2017.

RAIMUNDI, Ana Carolina. Casos de bullying nas escolas crescem no Brasil, diz pesquisa do IBGE. **G1**, ago. de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal- hoje/noticia/2016/08/casos-de-bullying-nas-escolas-cresce-no-brasil-diz-pesquisa-doibge.html>>. Acesso em: 28 out. 2017.

SILVA, Celeste Moura Lins. Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SILVA, Maria Beatriz de Castro, **O ambiente e suas contribuições na Aprendizagem docente no processo de formação continuada**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015.

VEJA. Atirador de Realengo sofria bullying no colégio, diz ex-colega. **Da Redação** access_time8 abr 2011, 08h17. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega/> Acesso em: 28 out. 2017.